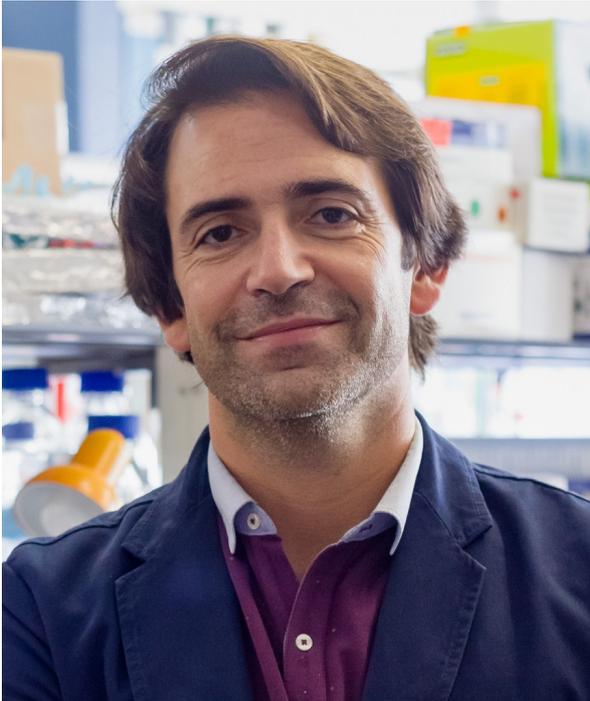


PROJETOS EXPRESSO

Bruno Silva-Santos: “Esperamos que este projeto venha a constituir uma nova arma na luta contra o cancro”

5 NOVEMBRO 2021 17:00

Francisco de Almeida Fernandes



Bruno Silva-Santos liderou uma investigação que pretendia eliminar células tumorais e que lhe valeu, em 2009, o Prémio Pfizer na categoria de Investigação Clínica D.R.

O investigador e vice-presidente do Instituto de Medicina Molecular recorda o sucesso do projeto que liderou e que mereceu, em 2009, o Prémio Pfizer na categoria de Investigação Clínica. Esta é a segunda entrevista curta com alguns dos galardoados ao longo dos últimos 65 anos da iniciativa, que resulta de uma parceria entre a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e a Pfizer, contando com o apoio editorial do Expresso

A qualidade da comunidade científica portuguesa é frequentemente elogiada e existem motivos para que assim seja. O investigador Bruno Silva-Santos, que é também vice-presidente do Instituto de Medicina Molecular, é um exemplo disso mesmo. Em 2009, o trabalho em que desenvolveu uma nova abordagem com potencial terapêutico para eliminar células tumorais valeu-lhe o Prémio Pfizer na categoria de Investigação Clínica. De lá para cá, esse projeto evoluiu e deu origem à criação de uma empresa de biotecnologia que prosseguiu com o aprofundamento desta metodologia, que está, atualmente, em ensaios clínicos nos EUA.

O Expresso falou com Bruno Silva-Santos para perceber a importância e o alcance desta investigação oncológica, mas também que impacto continua a ter mais de dez anos após ter sido premiada. A conversa acontece a poucos dias da nova edição dos Prémios Pfizer - que resultam de uma parceria entre a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (SCML) e a Pfizer, contando com o apoio editorial do Expresso -, que este ano comemoram 65 anos de promoção e valorização da ciência nacional. Os vencedores nas categorias de Investigação Básica e Investigação Clínica serão conhecidos no próximo dia 18 de novembro, numa cerimónia transmitida em direto no Facebook do Expresso, e agraciados com um prémio no valor de €30 mil para cada projeto.

Porque é que a investigação que liderou, e que foi premiada, foi tão importante em 2009 e continua a sê-lo agora?

A resposta é a mesma, só tendo ganho outra dimensão atualmente. O nosso trabalho abriu as portas para o uso de um tipo de célula imunitária com fortes propriedades anti-tumorais na imunoterapia do cancro. Esse tipo de célula chama-se "linfócito T gama-delta", e não existe ainda nenhuma terapêutica aprovada baseada nele. O nosso trabalho descobriu uma forma de multiplicar essas células, à partida bastante raras no sangue humano, e também de aumentar a sua capacidade de matar células tumorais. Nos anos subsequentes montámos uma empresa de biotecnologia, a Lymphact, uma *spin-off* do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, que desenvolveu a nossa metodologia para a tornar uma tecnologia aplicável a nível clínico. Como resultado deste progresso, a Lymphact foi adquirida por uma empresa internacional do grupo Takeda e a nossa tecnologia (as "DOT cells") entrou recentemente em ensaios clínicos nos EUA. Esperamos que constitua uma nova arma na luta contra o cancro.

O futuro que reservam os próximos 65 anos será entusiasmante do ponto de vista da ciência? O que podemos esperar?

Podemos esperar contribuições nacionais importantes em múltiplas áreas. Naquelas que me dizem mais, da imunologia à oncobiologia, espero descobertas importantes sobre os papéis diversificados do sistema imunitário, que se estendem a novas áreas como a neuroimunologia, bem como à sua aplicação no tratamento de várias doenças. Não só o cancro, mas também as doenças inflamatórias ou autoimunes e as infeções de origem viral, bacteriana ou parasítica. Espero ainda que haja avanços significativos na área da medicina personalizada, em que o conhecimento da genética e de outros fatores individuais possa dirigir tratamentos mais eficazes para doenças que nos preocupam bastante.